

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO : — Harmonia — Vincent d'Indy — Amelia Costa — A musica na exposição de 1900 — Notas vagas — Coliseu dos Recreios — Concertos — Noticiario — Necrologia.

HARMONIA

Primeiro do que tudo, conheçamos a definição da palavra.

Harmonia: na sua accepção primitiva e mais ampla é a boa ordem que liga as diferentes partes componentes de um todo.

Deriva do grego *harmos*, que significa justa proporção. E' n'este sentido que se diz a *harmonia do Cosmos*, a *harmonia dos astros*, a *harmonia dos numeros*, *das linhas*, *das cores*, etc.

Da primitiva accepção geral teem derivado accepções especiaes e analogas.

Apropriando-se do termo, a technologia musical deu-lhe a principio um sentido muito diverso d'aquelle que tem actualmente.

Na theoria dos gregos antigos applicava-se á boa ordenação dos sons no seu movimento successivo. E' a definição que, no dialogo sobre as leis, lhe dá o divino Platão: «Chama-se harmonia a ordem dos sons agudos e graves diversamente combinados no canto.»

Ora como qualquer canto era sempre baseado sobre uma determinada serie de sons que se denominava *modo* e que hoje denominamos *tom* ou *escala*, seguiu-se d'ahi ser igualmente empregada a palavra harmonia para indicar a ordem d'essa serie de sons, e portanto tornou-se synonymo de *modo* ou *tom*.

Encontra-se com muita frequencia esta synonymia em todos os auctores gregos; Pythagoras, Aristoteles, Platão, Aristoxenes, e muitos outros servem-se do termo *harmonia* para designar a disposição dos sons que formavam cada modo, isto é, o tom ou escala que servia de base a qualquer canto.

E como, n'este sentido, uma harmonia era limitada á extensão do intervallo de oitava,

o mesmo intervallo foi tambem designado com o nome de *harmonia*.

Só n'esta ultima accepção é que a palavra se aproxima do sentido moderno, porque o intervallo de oitava era o unico que os gregos empregavam em *harmonia*, isto é, simultaneamente.

A definição grega, primitiva, foi no entanto conservada pelos auctores latinos que a traduziram integralmente.

Cassiodoro, no principio do seculo VI, diz ainda: *Harmonica scientia est musica quæ discernit in sonis acutum et grave*.

Porém no seculo VII já o arcebispo de Sevilha, Santo Isidro, lhe dá maior latitude; segundo este escriptor, no tratado das Etymologias, capitulo XIX do livro 3.º em que trata da musica, a sciencia harmonica occupa-se não só da modulação da voz, mas tambem da concordancia dos sons reunidos; diz elle: *Harmonica est modulatio vocis, et concordantia plurimorum sonorum et coaptio*.

Mas a palavra, tomada n'este sentido, teve por muito tempo um uso restricto, não figurando nas obras didacticas senão incidentalmente; a sciencia dos sons simultaneos, desde que o seu desenvolvimento se accentuou, foi designada sob o nome de *contraponto*.

Só no seculo XVIII, quando os grupos de sons denominados *accordes* começaram a ser objecto de um estudo especial, é que esse estudo, para se distinguir do contraponto, recebeu o nome de *harmonia*, nome que se generalizou desde que o celebre harmonista francez, Rameau, publicou o seu tratado em 1722.

Foi esse tratado que deu origem á moderna definição, reproduzida hoje em todos os compendios: «Harmonia é a combinação de sons simultaneos.»

*

Sabida a historia da palavra, passemos a estudar o objecto.

Quando dois sons estão entre si na proporção de altura que em musica se chama

«intervallo de oitava perfeita», o nosso ouvido encontra n'elles uma grande similhaça, a ponto de os julgar quasi como se fossem um só; as pessoas inexperientes chegam mesmo a não perceber que haja differença, e confundem um canto em oitavas com um canto em unisono.

E' á união d'estes dois sons tão similhaes, que se chama «consonancia perfeita».

A consonancia perfeita, que o é completamente no intervallo de oitava, nota-se também, mas d'uma forma menos completa, no intervallo de quinta perfeita, e menos ainda no de quarta perfeita. Não obstante taes differenças, estes tres intervallos são igualmente classificados de «consonantes perfeitos».

Outros intervallos vão successivamente possuindo em menor grau a propriedade de consonantes, e por isso se denominam «consonantes imperfeitos»; taes são, pela ordem gradual da sua consonancia, os intervallos de sexta maior, terceira maior, terceira menor, e em ultimo lugar, sexta menor.

Os intervallos de segunda e de setima, assim como todos os augmentados e diminutos, chamam-se dissonantes porque produzem uma sensação desagradavel no ouvido; a sciencia da harmonia emprega-os debaixo de certas condições, como se fossem uma especie de estimulantes para quebrar a monotonia da consonancia e fazel-a desejar como um repouso.

Segundo uma lei fundamental e invariavel da harmonia, toda a dissonancia ou serie de dissonancias deve terminar n'uma consonancia, a qual será ouvida com tanto maior prazer quanto mais duras e prolongadas forem as dissonancias que a precedem.

E' ainda de advertir que as terceiras e sextas nem sempre foram tidas como consonancias: a theoria antiga dos gregos classificava-as de dissonancias; na idade media, só desde os fins do seculo XII é que a terceira maior, primeiro, depois a menor, adquiriram fóros de consonancias. As sextas chamaram-se «dissonancias imperfeitas» até ao seculo XV em que entraram no numero das consonancias. Em consequencia d'esta classificação, por muito tempo a terceira foi excluida do accorde perfeito final, que devia compor-se só da quinta e oitava. N'este accorde, que exprime o completo repouso, a terceira menor apenas poude entrar desde os principios do seculo XVIII. Estas innovações só eram admittidas pela theoria, depois da pratica as ter completamente sancionado com o exemplo dos maiores mestres.

D'onde se conclue que os musicos praticos teem sempre brigado com os theoreticos,

que defendem as doutrinas tradicionaes até se verem obrigados a modifical-as em presença dos factos consumados. A lucta é permanente, e hoje mesmo a estamos presenciando sobre diversos pontos; estes resolvidos agora, logo outros surgirão, e assim vae marchando a arte no seu constante e natural desenvolvimento.

Mas agora perguntareis: Pois como succede que as combinações de sons consideradas antigamente dissonantes sejam agora consonantes? Não ha uma causa fundamental que produz a consonancia e a dissonancia?

Respondo: Ha decerto; e uma causa physica, sujeita ás leis da natureza e portanto independentemente das regras inventadas pelos homens.

(Continúa).

ERNESTO VIEIRA.

VINCENT D'INDY

(Notas para uma biographia)

(Conclusão)

Profundamente sensivel a todas as creações da Arte, Vincent d'Indy possui um espirito superiormente culto, um senso critico dos mais esclarecidos. Tem estudado, com detalhada analyse, a Arte nas suas mais diversas manifestações, imprimindo, com a contribuição pessoal, um cunho de superior merecimento aos seus trabalhos de historia, de esthetica e de critica musical e assumindo uma auctoridade rara como conferente e como professor.

De uma grande independencia e sinceridade nas suas preferencias artisticas, d'Indy manifestou cedo o seu *wagnerismo*; foi o grande e principal collaborador de Lamoureux na famosa execução do *Lohengrin*, em 3 de maio de 1887, no Eden-Théâtre, — encarregando-se, por amor da arte da direcção dos estudos coraes e da musica de scena¹.

Tendo feito parte da «commissão de reforma» do Conservatorio de Paris, d'Indy recusou, ainda por amor da sua independencia, o lugar de professor de composição que alli lhe offerciam em 1890, aceitando apenas, como cargo official, a nomeação de inspector do ensino musical das escolas de Paris.

Fundou em 1895, com Guilmant, Bordes,

¹ A inexcédível perfeição d'esta execução unica, exigiu 52 ensaios no foyer, 20 em scena, com piano, 5 com orchestra e 2 ensaios geraes !...

Ducoudray, etc., a *Schola Cantorum*, aonde actualmente dirige, *gratuitamente*, os cursos de composição, historia e litteratura musical, sendo-lhe compensação sufficiente a convicção legitima de que sahirão d'esta magnifica escola futuros artistas de educação completa e esmerada.

Infatigavel no culto da Arte, d'Indy tem aproveitado os seus *mezes de férias* para organizar e dirigir numerosos concertos em França, Hollanda, Belgica, Hespanha etc., coihendo por toda a parte a homenagem justa e devida ao seu talento e competencia.

E' cavalleiro da Legião de honra, commendador de Carlos III de Hespanha... Pensará um dia o governo do nosso paiz em tributar-lhe a vã mas unica prova *palpavel* da nossa admiração?...

*
Symphonista por temperamento e por educação, Vincent d'Indy não despresa todavia o drama lyrico nem lhe attribue a inferioridade de que muitos o accusam; na sua opinião toda a manifestação de Arte é respeitavel e valiosa, se é sincera e progressiva... E' assim que, depois das bellas paginas de musica pura e elevada da *Symphonia em sol*, d'Indy não hesitou em escrever as scenas admiraveis de sentimento e de expressão dramatica de *Fervaal* — esta obra prima do moderno theatro francez.

Como todos os artistas de elite e de privilegiadas aptidões, d'Indy é poeta e auctor da letra das suas principaes obras dramaticas. O poema do *Chant de la Cloche*, — legenda dramatica com que obteve o primeiro premio no concurso municipal de Paris, em 1886 — é feito sobre a obra de Schiller que tem por epigraphe as palavras gravadas no sino grande de Münster de Schaffausen: — *Vivos voco — Mortuos plango — Fulgura frango*.

O *libretto* de *Fervaal* é original e de uma concepção e factura tão elevadas que definiria, por si só, a orientação esthetica e a educação litteraria do seu auctor.

Sentindo que o Bello, na obra de Arte, não reside apenas na correcção da fórma, mas sim, e principalmente, no subido alcance intellectual e na originalidade de concepção, d'Indy é incapaz de compor musica simplesmente *agradavel* ao ouvido... D'ahi os *insuccessos*, as singulares e contradictorias apreciações do artista — testemunhos da orientação e da capacidade dos criticos que, por vezes, tambem podem ser sinceros¹...

Sem querermos entrar aqui na analyse detalhada de nenhuma das suas obras, tentaremos indicar, muito rapidamente, alguns dos *meios musicas* que, a nosso vêr, melhor caracterisam a brilhante personalidade de Vincent d'Indy.

No dominio da musica symphonica o seu incomparavel talento de orchestrador é, sem duvida, a qualidade dominante. Mr. Joncières n'um artigo de critica sobre *Le Chant de la Cloche*, publicado em 1886, diz: — «*Vincent d'Indy est, à l'heure actuelle, le compositeur qui manie avec le plus de sureté l'orchestre moderne; au point de vue technique, nous ne connaissons aucun maître, dans le passé comme dans le présent, qui lui soit supérieur. Personne n'a jamais*

de Vincent d'Indy. Devo porém prev. nir os que ignoram a obra d'este artista que, se raras vezes uma redução para piano dá uma ideia do original, na obra orchestral e essencialmente polyphonica de d'Indy, é absolutamente impotente, e portanto prejudicial, esse meio. As obras pianisticas, relativamente insignificantes, são, na maior parte, de um periodo de transição e de incerteza em que o auctor entrevia apenas as regiões que depois victoriosamente percorreu:

- 1870—*Les Burgraves*. Opera, incompleta.
1873—*Ouverture des Piccolomini*. (N.º 2 de *Wallenstein*).
1875—*Symphonie*. (Manuscripta).
1876—*Ouvert. de Antoine e Cleopâtre*.
1876-78—*Attendez-moi sous l'orme*. 1 acto, (Opera-comique 1882).
1878—*Quatuor*. Piano e instrumentos de cordas.
La Forêt enchantée. Symphonia-ballada.
1879—*La Chevauchée du Cid*. Barytono, coros e orchestra.
1880—*Clair de lune*. Côro.
1873-81—*Trilogie de Wallenstein*. Orchestra, (execut. 1888).
1881—*Poème des montagnes*. Suite em 3 partes para piano.
1879-83—*Le Chant de la Cloche*. Legenda-dramatica em 1 prologo e 7 quadros. Côros, soli e orchestra. (*Grand prix de la ville de Paris*, 1885).
1884—*Sauge-fleurie*. Legenda. Orchestra.
Helvetia. 3 valsas para piano.
Cantate Domino. 3 vozes e órgão.
1885 *Lied*. Violoncello e orchestra.
Sainte Marie Magdeleine. Solo, côro, piano e órgão.
1886—*Suite em ré*. Trompette, 2 flautas e instrumentos de cordas.
Nocturne en sol bémol. Piano.
Symphonie sur un thème montagnard. Orchestra com piano.
1887—*Trio*. Piano, clarinette e violoncello.
1888—*Sur la mer*. Côro para vozes de mulheres.
1889—*Tableaux de voyage*. 13 peças para piano.
Fantaisie. Oboè e orchestra.
1890—*Premier Quatuor à cordes*.
1891—*L'Art et le peuple*. Côro para vozes de homens.
1889-95—*Fervaal*. Drama lyrico em 3 actos e um prologo. (Bruxellas, 1897; Opera-comique 1898).
1896—*Istar*. Variações symphonicas. Orchestra.
Deus Israel. A capella, para 4 e 6 vozes, em 2 partes.
Lied maritime. Piano e canto.
1897—*2.ème Quatuor à cordes*.

Além das suas *Méodies* (V. Hugo, Bonnières, Beaulaire, etc.) d'Indy publicou um volume de *Chansons populaires recueillies dans le Vivarais et le Vercors*, tem collaborado activamente, com artigos de critica, em varios jornaes francezes e estrangeiros e trabalha actualmente em obras de maior folego e de proxima publicação.

F. DE L.

¹ Aos que o assumpto d'estas rapidas notas possa interessar indico a seguinte lista — que julgo completa — das obras

manié avec cette aisance et cette souplesse la pâte orchestrale...

Inutil e vão seria querer enumerar ou detalhar n'estas notas as mil *trouvailles* de timbres, o colorido instrumental da sua orchestra; pareceriam regras elementares de *Tratado de orquestração*, absolutamente incompreensíveis sem a exemplificação indispensavel. Quanto ao *segredo* das admiráveis sonoridades da sua orchestra, cremos que reside, em grande parte, no meticuloso e acertado emprego dos bons registos instrumentaes, no desdobramento e posição dos accordes, na *doublure* das notas essenciaes — subordinada, sempre, á lei geral da produção dos harmonicos.

Cremos todavia — e conservamos esta impressão das audições de *Fervaal* — que a sua orquestração é por vezes um pouco prejudicada pela excessiva abundancia de detalhes.

Isto no drama lyrico, é claro, aonde a acção scenica sollicita e prende igualmente a attenção do auditor.

Uma das suas grandes qualidades, de musico, — talvez a maior — é o talento que evidencia no desenvolvimento thematico e no trama polyphonic das obras de larga envergadura. Affirmam-o muitas e inimitaveis paginas, nomeadamente na 3.^a parte do *Chant de la Cloche*, na *Symphonie sur un thème montagnard*, nos quartettos e em todo o drama de *Fervaal*, que é, na mais justa acepção, um *drama symphonico*.

São preciosas no compositor de Opera as qualidades *vocaes*; o respeito pela prosodia — a equivalencia rythmica no valor das syllabas e das notas — a justeza expressiva na declamação, a propriedade do contorno melodico nas diversas tessituras, etc., etc. Ora, d'Indy, *ainda que symphonista*, possui a technica das vozes como poucos.

— Em qual das suas obras escreveu Wagner as partes vocaes como d'Indy as escreve em *Fervaal*?...

...Porque uma certa critica acintosa, de má fé e escorada na ignorancia, pretende que d'Indy é manifesta e *demasiadamente wagneriano*, ás vezes... Aonde, de que maneira, em que proporções... — não sabe dizello; é *wagneriano* e basta.

Admirando Wagner, d'Indy prova o seu alto criterio artistico; adoptando alguns dos *meios wagnerianos*, exerce o seu direito de artista cooperador na grande evolução da Arte moderna.

De quantos e quantos o proprio Wagner adoptou, ampliou e *adaptou* os meios musicos!...

Compense-o a maneira, bem diversa, como é considerada a sua opera *Fervaal* pelo eminente critico belga, Mr. Kufferath: — «... *la plus forte, la plus noble, la plus haute qui ait surgie depuis Parsifal!*»

F. DE LACERDA.

GALERIA DOS NOSSOS

Amelia Costa



CREIO eu que Nosso Senhor nem sempre se importa com o que vae cá por baixo. Com muitos mil annos de idade e de desgostos — os que diariamente todos nós lhe damos — deve estar farto de aturar-nos, e ha quem affirme que bastas vezes Elle se tem arrependido de nos haver creado...

E no entretanto, de quando em quando um exemplar despontta, que o reconciliará com a humana especie proporcionando-lhe então uma alegria verdadeiramente divina...

E' uma vez a Bondade; é outra vez a Beleza; é não raro o Talento...

Ora pois ali tem o Eterno, pelo que respeita ao talento, uma creaturinha ingenua e meiga, de corpinho leve e de cabecinha airosa, simples no ar e nos modos, que certamente lhe terá agradado — a serio.

E' insinuante e viva, mas mantem-se modesta e calma.

Tem a tocar a graça aligera de uma pequenina ave mimosa e terna, e tem a sorrir o encanto subtil de uma madonazinha ideal. No que nos vae cantando ao piano põe pedaços da alma mater dos mestres, misturados já com reflexos da sua propria alma infantil de sonhadora, precocemente tocada de um divino raio d'arte.

Pelo que, uma pergunta apenas: uma cabecinha assim tão cheia já de ideaes fulgores e de subtis conceitos, será o mero producto humano da multiplificação da especie, ou revestirá a forma mais alta de uma emanação celeste?

Não sabendo decidillo, é o caso de invocar Deus, e de exclamar contente:

*Bemditos Paes que tal dom receberam!
Bem dita filha que pôde merecel-o!*

*Se bem cedo começa a bafejal-a a gloria,
quaesquer que sejam os espinhos da estrada
o estudo vence-os, a vontade annulla os, e
por fim sempre hão de florir as rosas e
desabrochar os lyrios...*

AFFONSO VARGAS.

A Musica na Exposição de 1900

Os concertos officiaes que hão-de realizar-se no Trocadero durante a Exposição dividem-se em tres series :

1.^a Dez grandes concertos com orchestra, solos e coros, 250 executantes dirigidos por Taffanel. Já se realisaram dois, em 31 de maio e 14 de junho, seguindo os restantes quinzenalmente até 4 de outubro. No primeiro executou-se uma nova composição de Saint-Saens *le Feu celeste*, poesia de Armand Silvestre celebrando os beneficios da electricidade; o resto do programma foi consagrado a uma especie de revista retrospectiva da musica franceza desde o seculo XVII.

2.^a Dez concertos de órgão. Já se realisou um no dia 3, continuando tambem quinzenalmente até 9 de outubro.

3.^a Dez sessões de musica de camara na pequena sala do Trocadero, novamente preparada para esse fim. Começaram no dia 8 e terminarão em 17 de outubro.

Os preços para a audição d'estes concertos são extremamente reduzidos; nos grandes concertos variam de 2 francos a 50 centimos; nos concertos de órgão são de 50 centimos em todos os logares, e nas sessões de musica de camara 1 franco, tambem sem distincção de logar.

Além do congresso internacional da musica, e do congresso da Arte theatral, haverá o congresso da historia da musica, dividido em duas partes: 1.^a historia da musica; 2.^a esthetica musical e reformas praticas.

Na primeira parte tratar-se-ha da melodia popular, canto-chão, notação byzantina, rythmo das monodias antigas notadas em neumas, antigos tratados de contraponto, musica italiana antes do seculo XVI, origens da *Cançon* franceza, collaboração dos poetas com os musicos até ao fim do seculo XVI, emprego antigo do sostenido e bemol, estudos sobre os órgãos, sonata, symphonia, collecção das melodias populares de todo o mundo e historiographia.

Na segunda parte será discutido o papel educador e social da musica, o pensamento musical e sua influencia sobre a litteratura,

utilidade pratica da historia da musica, reconstituição da dansa theatral, estudo dos rythmos, unidade da terminologia, instrucção musical na Europa, edições, musica de egreja, direcção dos theatros, deveres dos Estados para com a musica, bibliographia.

Este congresso reunirá de 23 a 30 de julho na bibliotheca da Opera, podendo assistir-se ás suas sessões mediante a quota de 20 francos.

NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

De Lisboa.

XIV

Ah! Junho, junho, mez das fogueiras e dos descantes, das cerejas maduras e dos cravos vermelhos, das lindas manhãs e das amorosas noites, como eu quizera pinturar-te em prosa, já que — ai de mim — não sei descrever-te em verso!

Por ahí, minha senhora, creio que não festejam nem S. João nem S. Pedro; e, quanto a Santo Antonio, apesar da sympathica obra a que deu origem e que permite a distribuição de algumas centenas de pães a outros tantos desgraçados, supponho que o não invocam ao som gemebundo da guitarra ou ao estalido altivo dos foguetes pedindo-lhe um noivo desempenado e garboso ou uma noiva carinhosa e fresca... e por isso não apprehenderão com facilidade a ineffavel e subtil poesia que de taes usanças se evola como um perfume ideal...

Mas V. Ex.^a que aqui nasceu e sob este bom sol de Deus viu deslisarem-lhe os dias azues da sua infancia, os dias roseos da sua juventude, V. Ex.^a sentirá, a tantas leguas de distancia, o penetrante encanto d'estes folguedos do mais original sabor, e por momentos esquecerá a civilisação e os seus requintes, e reviverá em espirito a saudosa quadra em que estamos...

Eu, querida amiga, que já não queimo alcachofras e não vou banhar-me á fonte, que não recorro ao bochecho tradicional e significativo, e por inopia de voz não canto á desgarrada, eu confesso-lhe que não trocava agora estas tres noites tão cheias de seducção e de magia por outras embora mais ricas em fascinações e em primores...

Que quer? Sou fundamentalmente da minha terra e da minha gente, e no meu sangue correm occultos philtros que me fazem amar uma e outra como só pôde ama-las um sonhador...

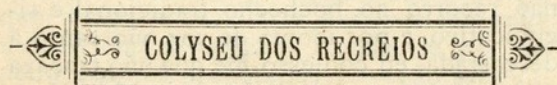
Ah! Não é de certo porque pessoalmente me esteja pulando o pé para a brincadeira,

nem porque no meu espirito entre uma faúlha sequer d'esse lindo e rubro fogo amado onde se aquecem n'este momento os corações novos; não, boa amiga, sinto-me velho sem quasi haver sido moço, e se alguma cousa em mim palpita não é a virente e risonha canção da Esperança e antes será a saudade de cousas que nem sequer pude prelibar quanto mais saborear em termos; mas, *tout de même*, até essa tristeza me enamora e me acaricia, e cheguei ao ponto em que já goso com vêr gosar os outros...

E eis por que todo entregue a este eucharístico prazer nem sequer lhe mencionei as tres realmente apreciaveis exposições de rosas e cravos que aqui tivemos e onde por vezes passou por nós o estremecimento: agrado do divino extasis em presença de certos exemplares onde a mão do homem conseguiu crystalisar um olhar de Deus; nem tão pouco ousei alludir a esse espectáculo unico e innarravel que foi o eclipse solar, com a sua corôa assombrosamente bella, o qual se por um lado nos deu a percepção nitida do que realmente vale esta aliás pobre porção de substancia cinzenta que n'um craneo humano se contém e que algumas circumvoluções limitam, pelo outro, e atravez d'elle, nos fez sentir o infinito e como que preadivinhar o Eterno.

Emfim, como quer que seja o meu actual estado d'alma, no psicologico minuto em que lhe escrevo, não me permite longas dissertações, sobre os aspectos do universo e a marcha dos mundos e dos homens, e momentaneamente preso da incoercível attracção das cousas, todo eu me atenho a ir seguindo enlevado a deliciosa musica interior que uma revoada de illusões douradas parece ter-me acordado cá dentro, emquanto, rua fóra, banhos de gente nova vão gargalhando alegres, e milhões de alados sonhos espreitam as almas descuidosas e innocentes que passam para entre sorrisos e arrulhos, architectarem n'ellas um florido e bonançoso ninho ..

AFFONSO VARGAS.



Puritanos e Um Baile de mascaras foram as unicas operas que durante os ultimos quinze dias tiveram as honras de *première*. Os outros espectaculos tiveram de ser preenchidos com operas já ouvidas. O *Baile de mascaras* foi uma noite de farta colheita de applausos para o barytono Scaramella.

Aos *Huguenotes*, opera que devia ser cantada na noite de 7, estava reservada a

honra d'uma *première* de sensação; seria o factio lyrico mais notavel da quinzena. Tinha sido escolhidos os melhores artistas para que do bom conjuncto resultasse um desempenho pelo menos igual ao d'outras operas, que teem sido ouvidas com o maximo agrado.

Infelizmente a fuga do tenor Carlo Lanfredi impediu a audição d'aquella opera, que teve de ser substituida pela *Carmen*.

Para substituir aquelle artista foi contratado o tenor Morales, já sufficientemente conhecido em Lisboa.

ESTEVES LISBOA.

CONCERTOS

Em 3 de junho, com uma concorrência diminuta, umas 80 pessoas, deu o seu segundo concerto o pianista Alfredo Napoleão, sendo o local escolhido o Salão do Conservatorio.

Eis os trechos de que constava o programma: Sonata *Clair de lune*, de Beethoven; *Nocturno* e *Ballada*, de Chopin; dois trechos de Schumann; o 2.º Concerto e uma suite de pequenas peças do proprio Napoleão.

Além d'isso o talentoso violinista Julio Cardona tocou a 5.ª Sonata de Beethoven.

Devemos dizer, em homenagem á verdade, que o nosso publico não aprecia benevolmente a interpretação de Alfredo Napoleão, em tudo que é Beethoven e Chopin. Acha que elle precipita desordenadamente certos andamentos, tirando-lhe todo o *charme* e toda a finura. Acha que elle não tem a calma precisa para a interpretação de certas passagens melodicar, que demandam mais elevação do que bravura.

E... talvez tenha razão o publico.

Por outro lado, fez optima impressão aos entendidos o 2.º Concerto de sua composição, que é obra de valor e superiormente trabalhada do principio ao fim.

Consta-nos que Alfredo Napoleão partirá brevemente para o Porto.

N'esse mesmo dia 3 um bando de *babies* travessas fazia *triumphal* entrada na sala do nosso grande mestre Alexandre Rey Colaço e... dava-lhe um *concerto*.

Um concerto, sim, com todas as letras... e porque não?

E tocaram Bach e Mozart e Schumann e *tutti quanti*.

As encantadoras *concertistas* eram as fi-

lhitas de Colaço e de Bahia, e as minusculas Jeanne e Mily Possoz, Guida Bensaude, Olga Buzaglo, Maria Antonia d'Almeida, Judith Vianna e Felicidade Pereira.

Obtiveram todas um grandioso successo de. . beijos.

*

As discipulas do maestro Roncagli, do Porto, realisaram uma interessante audição de musica vocal, no palacete do Sr. José Teixeira da Silva Braga, que já por vezes tem prestado as suas opulentas salas para o mesmo effeito.

Esta sessão de alumnos teve logar em 3 d'este mez, com grande e selecta concorrencia.

*

Teve logar a 6, na Sociedade de Geographia o 4.º concerto de numero que a *Real Academia de Amadores de Musica* offereceu esta epoca aos seus associados.

Apresentou-se como debutante no violino um devotado alumno da Academia, o sr. Augusto Gomes, que se está por ora muito longe de attingir a impecabilidade d'um mestre, evidenciou no emtanto em dois numeros de Wieniawski, *Legende* e *Masurka*, uma accentuada vocação para o difficil instrumento a que se dedicou. Cultivar incessantemente essa vocação pelo trabalho deve ser agora a unica preocupação do sympathico amator.

Uma menina tambem começante no canto, D. Virginia Moreira, apresentou-se n'este concerto com varias romanzas, entre ellas a da *Mignon*: uma pequenina voz não destituida de *charme* e que poderá desenvolver-se e melhorar-se com o estudo.

Para substituir Alfredo Napoleão que figurava no programma mas não pode apparecer, prestou-se amavelmente o nosso amigo Paulo do Quental a cantar duas romanzas, a do quarto acto da *Reliquia*, em portuguez e uma de Tosti em francez.

Dos trechos de orchestra, o unico numero serio que se executou foi o *Andante* da 5ª symphonia de Beethoven, que por circumstancias decerto excepcionaes, não obteve uma execução completamente satisfatoria, sendo para notar-se um facto que tem o seu quê de original e que merece registro.

E vem a ser que n'um concerto de *amadores* haja de lançar-se aos *profissionais*, que alli vão prestar um auxilio remunerado, a responsabilidade de certos attentados inconcebiveis, que elles deviam vir justamente evitar.

Em um dos intervallos teve toda a Direcção e a Meza da Assembléa Geral, representada pelo seu secretario o nosso amigo Pedro d'Oliveira Pires, a gentileza de offe-

recer o 7.º diploma de socio de merito ao nosso director, Michel'angelo Lambertini, que tem prestado o seu concurso de acompanhador em muitos concertos da Academia e que ficou singularmente reconhecido a esta prestimosa sociedade artistica, pela pouco vulgar distincção com que o honrou.

*

A 7 a *clotûre* das audições de alumnas em casa do nosso bom amigo Francisco Bahia.

Agradecemos ao sympathico professor o convite com que nos quiz distinguir e que nos permittiu assistir á revelação de alguns, de muitos talentos, para nós desconhecidos. De resto em todas as alumnas se notou uma correcção raramente desmentida e um mecanismo admiravelmente trabalhado, em que a direcção conscienciosa e habil do notavel pianista conseguiu por vezes assombrosos prodigios.

Isto sem lisonja, que como é notorio, não encontra facilmente abrigo nas columnas d'este jornal.

Uma das laureadas discipulas de Madame Mirés, a sr.ª D. Ida Bordallo Pinheiro cantou um trecho da *Fedora* e a *Ave Maria* de Luzzi, imprimindo assim uma nota de interessante variedade a esta bella sessão musical.

*

No dia 8 apresentou a Academia os alumnos dos cursos elementares de violino e piano.

Festa radiante de alegria, como é costume, animada pela vivacidade dos pequenos artistas ou amadores *en herbe*, que cheios de entusiasmo e confiança fizeram a sua estreia ou deram novas provas dos seus progressos.

Foram principalmente notaveis os violinistas, pela discreta escolha dos trechos apresentados, nenhum d'elles superior ás forças dos executantes e tambem nenhum de gosto duvidoso.

Sem attendermos ao grau de adiantamento nem á ordem do programma, diremos que o maior numero de sympathias foi galhardamente conquistado pelo pequeno José Ferreira, com a sua aprumada seriedade e rigorosa correcção que a todos encantou; apesar de ter tocado apenas uma simples melodia de Thomé, teve as honras do *bis*, verificando-se assim mais uma vez o que devia estar sempre na lembrança de todos, e vem a ser que não é a lucta com difficuldades mal vencidas o meio de ser agradável.

Outro pequenito exordiente que tambem se distinguiu foi Mauricio Costa, conseguindo, como o seu condiscipulo, sem o menor esforço produzir o mais grato effeito.

Estas duas «menções honrosas», conferi-

das principalmente á pouca idade e á circumstancia de terem sido duas estreias, não devem porém deixar na sombra os outros concorrentes, alguns d'elles muito mais avançados; assim cumpre citar pelo menos os nomes, visto não haver espaço para mais commentarios, das meninas Camilla Casaes e Eugenia Crespo (duas creanças que vão caminhando com grande desembaraço), Liberato Brandão, Julio Barata, D. Margarida Casaes, Augusto Moraes e Avelino Joyce. Este ultimo continua tambem fazendo progressos a olhos vistos; o formoso som que já tira do violino é realmente notavel n'um principiante.

Todos os alumnos, do 3.º anno em diante, reunidos em agradável e brilhante orchestra de vinte e dois violinistas, executaram uma composição do seu professor Andrés Goñi; trecho sem pretensões mas bem escripto e de bello effeito, foi applaudidissimo e bisado.

Como se vê, a escola de violino da Academia continua a sustentar brilhantemente o credito adquirido, graças ao superior merito do seu novo director e ao auxilio dos valiosos ajudantes, D. Alice Silva e Augusto Gomes.

Innovação para notar e estimar, os acompanhamentos ao piano foram todos feitos por alumnos.

Da aula de piano tambem algumas alumnas deram provas de boa disposição natural sobressahindo pelo adiantamento D. Sophia Lobato, D. Margarida Casaes, e D. Rachel de Sousa.

Executaram musica de Chaminade, Moszkowski e Saint-Saëns.

*

A 10 d'este mez, inaugurou-se no Theatro Aguia d'Ouro, do Porto, o primeiro concerto da *Associação musical de concertos populares a grandé orchestra*, sob a regencia do incansavel e illustre professor Moreira de Sá.

A idéa é de primeira ordem e teve um lisongeiro acolhimento por parte do publico portuense, muito mais entusiasta por estas manifestações d'arte do que o nosso.

O programma que não resistimos ao prazer de transcrever constou das seguintes obras:

| | |
|--|-------------|
| 1.ª Symphonia..... | Beethoven |
| Ouverture du <i>Songe d'une nuit d'été</i> | Mendelssohn |
| Scena nos desertos da Asia Central..... | Borodine |
| Dansa oriental..... | Sinding |
| Preludio do <i>Lohengrin</i> | Wagner |

NOTICIARIO

Do Paiz

Realisam-se nos dias 23 e 25 os exames de violino na Real Academia. No dia 26 terão logar os de harmonia e os de piano de duas alumnas cegas.

Estes exames serão presididos pelo maestro Goñi, que no dia 27 parte para S. Sebastian a dirigir os grandes concertos symphonicos que ali se realisam annualmente debaixo da sua direcção.

Os exames de rudimentos terão logar no principio de julho e os de piano no fim do referido mez.

Do Estrangeiro

Foi nomeado professor do conservatorio de Paris, em substituição de Rabaud, ultimamente fallecido, o estimado violoncellista M. J. Loveb.

*

Inaugurou-se no Palacio de Christal em Londres uma exposição musical consagrada aos aperfeiçoamentos dos instrumentos musicas, realizados desde o seculo passado.

Realisar-se-hão tambem conferencias didacticas e concertos historicos.

NECROLOGIA

Falleceu em Londres, na idade de 80 annos o musicographo sir George Grove, auctor do grande «Diccionario da Musica e dos Musicos». Tinha seguido primeiramente a carreira de engenheiro, mas interessando-se pela musica obteve em 1849 a nomeação de secretario da Sociedade de Bellas Artes, e pouco depois começou a exercer as mesmas funcções na Companhia do Palacio de Christal; concorrendo para a organização dos grandes concertos que ali se organisaram desde 1855, tornou-se notavel pela apreciação das obras musicas com que illustrava os programmas.

De 1868 a 1883 dirigiu a revista *Macmillan's Magazine*, e em 1878 começou a publicação do seu diccionario, cujo supplemento sahiu em 1889.

Quando em 1882 se fundou em Londres o Collegio Real de Musica, foi elle nomeado director, e pela sua intelligente energia adquiriu esta importantissima escola de musica a alta situação em que se encontra hoje.